

O ESPECTRO

NUMERO 50 — II ANNO 1889

Questões d'Africa

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 meses..... 320

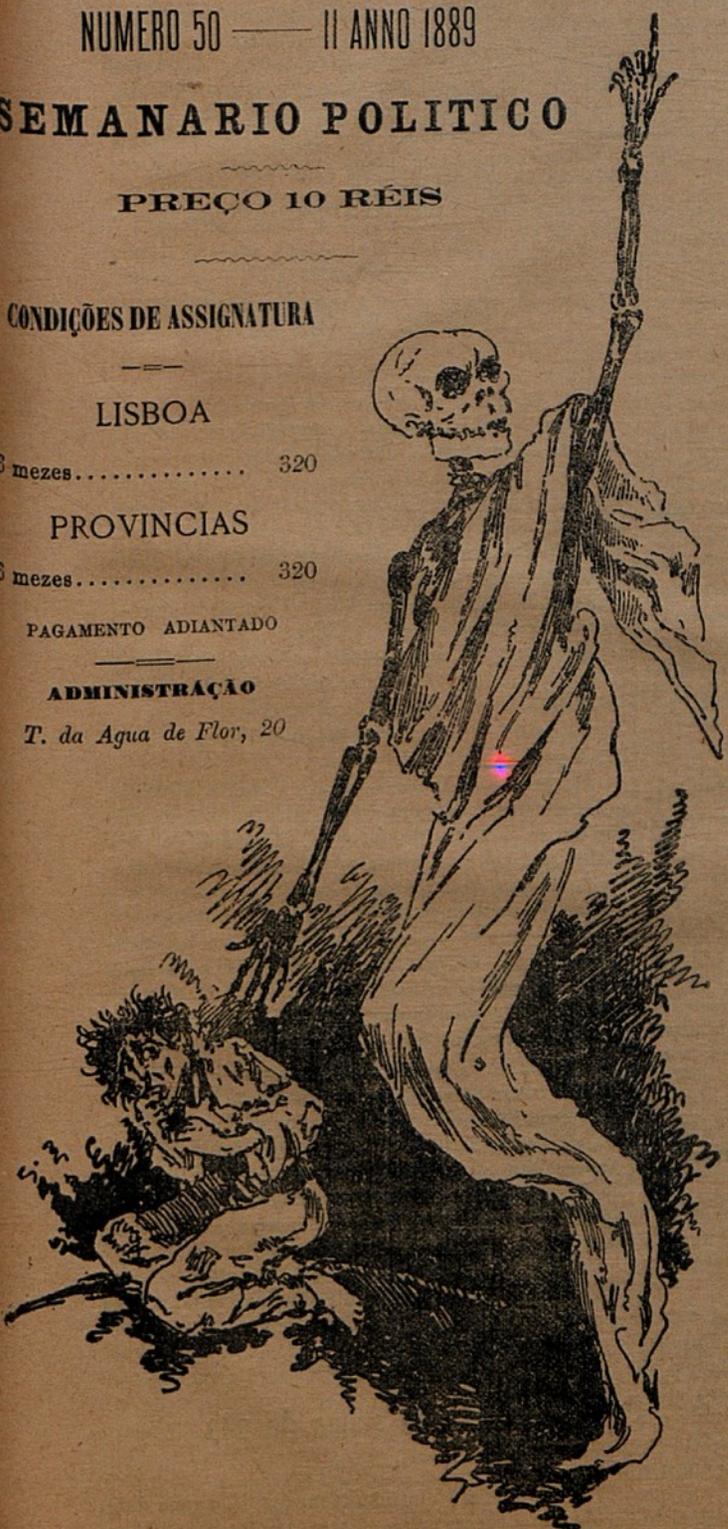
PROVINCIAS

6 meses..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20



Navega a esta hora por mares além, um benemerito portuguez, o major Serpa Pinto, que, no intuito de vingar o paiz da vergonha em que o governo o deixara cahir, vae procurar salvar a nossa honra ultrajada e a vida dos nossos compatriotas, a quem a propria abnegação lançou no imminente risco de ver frustradas, por desprezo governativo, as mais legitimas aspirações.

Não é ainda occasião propicia de celebrar uma victoria ou de chorar uma derrota, mas cabem por opportunas as mais acres recriminações ao ministerio, pela falta de comprehensão dos seus deveres, pelo abandono a que vota todas as empresas arrojadas e de capital interesse nacional.

O patriotismo, que foi sempre o movel caracteristico dos grandes emprehimentos dos nossos maiores, não encontrou echo no coração do governo que, impellido pelos clamores da imprensa, foi forçado a adoptar medidas extraordinarias e caras, quando podia e devia tomar as mais a tempo, porque lhe seriam mais baratas e de resultado, talvez, mais proficuo.

Mas, coherente o governo com a sua norma de proceder, e não se tratando de qualquer operação *bem combinada* que **roubasse** aos cofres publicos umas centenas de contos, a conducta ministerial revelou-se-nos mais uma vez em antagonismo com os legitimos interesses da patria que, no nefando consulado que nos rege, apenas tem podido avaliar a quanto chega a **baixesa de sentimentos**, o estado de **corrupção** que se **apossou das cadeiras do poder**.

A soberania da nação, cada vez mais sequestrada, está em risco de sossobrar n'este mar de ambições governativas, que outra cousa não é o programma ministerial; comtudo, o povo, inerte pela influencia não sabemos de que terrivel narcotico, consente a sua completa exautoração e concorre inconscientemente para a nossa total ruina.

Outr'ora, quando o sangue dos nossos arrojadados navegadores regava as nossas plagas africanas, quando esses heroes cravavam na relva a cruz da religião que defendiam com toda a pujança da sua fé, o nosso dominio era vasto, o nosso nome respeitado e as nossas colonias uma fonte de inexgotaveis riquezas: é porque então só havia em vista o engrandecimento da patria.

Hoje, que o progresso devia ter rasgado o caminho atravez das mattas virgens e espessas, levado a luz ás razões obscurecidas, attrahir ao caminho da obediencia os nossos pseudo-inimigos, os perigos a que estamos expostos n'essas longiquas paragens são mais graves e vexatorios que nos primeiros tempos do nosso dominio.

Porque?

Pergunte-o aos governantes que ahi estão a

quem tem faltado a verdadeira comprehensão dos mais sagrados deveres.

Por um lado a alienação dos nossos territorios a poderosas companhias estrangeiras, por outro o inconsciente auxilio que se presta ostentadamente áquelles que *tão surdamente* conspiram contra nós. O nosso desprestigio d'além-mar provém de causas diversas e bem facéis de ver, mas a principal existe no desprezo criminoso com que esta situação tem gerido as nossas colonias, pouco a pouco retalhadas ao capricho dos nossos *amigos*, sem que um protesto solemne e energico se tenha feito ouvir perante o mundo civilisado.

Hoje não passamos na Africa de instrumentos de ambições alheias, de cúmplices na espoliação de que vamos sendo victimas.

Em nome da patria offendida, da honra ultrajada, protestamos solememente contra a decadencia a que este governo nos conduz.

De raspão

E' tal a rapidez com que se succedem os escandalos que nós nem tempo temos para os apreciar e verberar, não obstante a nossa boa vontade. Ha evidentemente desequilibrio nas faculdades intellectuaes do ministerio que, falseando o seu dever, se serve da corrupção, como arma defensiva dos seus actos, da insania, para simular a sua força, e da bajulação, para conservar a confiança.

O governo, violando todos os principios da razão e da justiça, calcando aos pés as mais altas conveniencias sociaes, **vivendo de meios illicitos** e condemnaveis, só pôde ser um doido ou um **traidor**. Se é doido, não deve occupar as cadeiras do poder, o seu logar é em Rilhafolles; se é um **traidor**, só na **Penitenciaria** poderá justificar-se a sua permanencia.

De duas uma: ou os **escandalos**, as **patifarias** e os **abusos** são inconscientes e irresponsavel a entidade que os pratica, ou então todos esses factos são praticados com perfeito conhecimento de causa.

No primeiro caso temos o doido nas mãos do qual a desventura depositou a nossa administração: —temos o perigo permanente de podermos vir a ser victimas da nossa boa fé; no segundo caso temos o **traidor** que, incorrigivel em seus desvarios, folgando com a desgraça commum, nos pôde impellir para o abysmo cavado pela nossa tolerancia.

Não ha razões de conveniencia particular que nos obriguem a occultar este modo de sentir; —são as razões de conveniencia publica que nos suggerem as nossas apreciações.

Pois, apesar da independencia com que temos por costume fallar ao povo, ainda ha na imprensa ministerial quem enumere serviços prestados ao paiz por este **nefando governo**, que, por desgraça nossa, continua enlameando tudo e a todos, com um desplante asqueroso. Pretendem enganar os outros, sem reparar que se enganam a si proprios. Isto parece o levantar da feira, em que estão todos apostados em ver o que mais além leva o pregão da sua bajulice repugnante, a fazer

jus ao descarnado osso que satisfaça a sua voracidade faminta.

Mas o verdadeiro esfomeado é o paiz, esse misero que serve de juguete das ambições desgraçadas de muitos que só lhe recompensam o sacrificio com o torturante supplicio de escravo que ainda se não pode libertar do maldito jugo d'esses negreiros especuladores de boa fé.

O paiz sim; esse é que lamenta em silencio o desregramento de ambições culposas, ao mesmo tempo que vende a camisa para matar a fome aos filhos que lhe pedem pão. E o governo, amigo dos seus amigos, compadre dos seus compadres, padrinho dos seus afilhados, olha com desprezo para tantos infortunios que podia evitar, sem que o remorse lhe toque no coração.

Infeliz povo e **amaldiçoado governo**.

Vão-se, os Açores

Vae-se, a Africa; vão-se, os Açores.

Esse governo nefasto e **traidor** que abi estrebuxa na agonia derradeira do poder, não contente com o atirar a Africa aos inglezes, está em vespuras de nos deixar roubar as ilhas, pelos americanos.

As ultimas noticias das ilhas dos Açores (ilhas adjacentes) dão como provavel dentro em curto periodo de tempo, a rebellião d'aquelles povos, contra o governo da mãe patria.

Proclama-se abertamente a **emancipação** dos Açores em todas as nove ilhas do archipelago!

Já se fundaram **dez jornaes** para activar a propaganda.

Os povos irritados contra as varias albardas progressistas e os criminosos attentados economicos do ex ministro da fazenda, Marianno de Carvalho, que reduziu aquellas terras á penuria, atacando-as nas suas fontes de receita — o alcool e o tabaco, secundam os esforços dos separatistas.

Eis o que a corôa real deve ao actual gabinete progressista — o arrancar-lhe um dos seus mais bellos florões e brindar com elles a poderosa republica norte-americana. O rei que agradeça a esses **scelerados**.

O paiz deve tambem correr a pau essa **mandragem**, que, para encher a barriga dos seus **testas de ferro**, não recua diante do **perigo** de irritar os **trescentos mil habitantes** dos Açores, até ao ponto d'elles se quererem separar de Portugal, protegidos pelas vistas ambiciosas dos americanos, *que agora mais do que nunca lhes convém ter uma estação maritima na Europa.*

Abaixo pois os traidores e os ineptos.

A's côrtes compete pedir severas contas a esse governo estupendo.

O Japão acima de nós

Os japonezes que não tem por lá a raça damnada dos progressistas, esses tartufos espalhafatosos do programma da Granja e outros partos mons-

tros de philancia, acabam de ser brindados pelo seu soberano e pelos eminentes homens de estado do seu paiz, com uma constituição, dez vezes mais liberal do que a portugueza, pois que n'ella se consigna a **liberdade de cultos**.

Os insignes pataratas granjolas, tanto os da vida velha, como os da vida nova, e incluindo os da vida airada, nunca se lembraram de dotar o nosso paiz com as liberdades e franquias, assopradas nos criticos momentos em que iam buscar a força e a energia ao seio do povo; e por isso nós passamos agora, pela suprema vergonha de ver o Japão muito mais adiantado na senda da civilização, do que Portugal.

E lembrar-mo-nos de que ainda ha quarenta annos, o Japão era regido por leis barbaras!

Mandem para lá uma canastrada de progressistas, e verão como aquelle paiz recua como o carabugejo, e as numerosas ilhas de que elle se compõe, passam todas ás unhas dos inglezes, americanos e hollandezes.

Fóra, gatunos!

A ultima nota da divida fluctuante, accusa um augmento prodigioso. A divida já está em *dezenove mil contos!*

Nunca em Portugal se **esbanjou e roubou** com tal descaramento. Imaginem o que não vae agora succeder, que temos um ministro da *Sierra Morena!*

Só a **ladroeira dos sete mil e duzentos contos** para a compra das fabricas de tabacos, e a **infame gatunice dos quatro centos e quarenta e nove contos** dados aos herdeiros dos antigos contractadores do tabaco!

Só esta extraordinaria pouca vergonha que indignou todo o paiz e que por si só, cavou a sepultura d'esses **miseravcis** que ahí se banqueteiam á farta, devorando milhões, será o sufficiente para arrojarem para fóra do poder, essa corja, que não sabe senão esbanjar e gastar, e para a qual a palavra economia, não existe.

Na Hespanha, as reduções no orçamento, indicadas pelo governo, passam já de 16 milhões, *6 dos quaes no ministerio da guerra.*

E o ministro da fazenda, reclama ainda mais economias!

Em Portugal, as economias progressistas são bem conhecidas do publico.

O nosso ministerio da guerra, gasta **cinco mil contos** por anno, e nós não temos exercito que tal nome mereça. E' verdade que se diz, que d'aquelles 5:000 contos, só 2:000 são realmente gastos com o exercito, e n'isto é que está o segredo de não haver economias em Portugal.

Os actuaes ministros progressistas, cada um d'elles, tem um projecto de arromba engatilhado para salvar as ynanças... dos amigos: o da marinha, tem flotilhas e o alargamento dos quadros; o da guerra, tem academias militares em projecto, para empregar os compadres do seu partido que já não cabem nas obras publicas e nas alfandegas; o da fazenda deve ter algum novo *income tax*,

visto que a divida fluctuante, precisa ser consolidada com um emprestimo de encher o olho.

Até agora, era só a republica norte-americana que nos dava o mais alto exemplo de moralisação no poder, apresentando excesso de receita no orçamento geral do estado, e diminuindo progressivamente os impostos e os *direitos de exportação*, não sabendo o honrado presidente da grande confederação, nem os seus ministros, o que fazer a *tanto dinheiro que sobra annualmente*; mas agora, temos tambem a Hespanha, a patria do desleixo, do *pan y toros*, a fazer economias aos milhões em cada ministerio.

Era o que nos faltava!

Veja-se o governo n'este espelho.

Tome nota o povo.

Mas os ministros progressistas não teem vergonha, toda a gente o sabe. Não teem vergonha nem força para obrigar a malta de devoristas que os rodeia, a fechar os dentes aguçados por uma fome verdadeiramente canina, que ameaça seriamente as nossas algibeiras, o nosso trabalho honesto, o futuro dos nossos filhos, se todos os que não são galopins, se todos os que teem que perder n'esto medonho—salve-se quem puder, não se unirem e não correrem a pontapés essa **sucia**, essa **refinada malandragem**, essa **canalha infame**, que entrou nos cofres publicos, como os ratos n'um queijo, só para deixar as paredes.

Costa d'Africa com esses pelintras de hontem e nababos de hoje.

Rua com elles!

Que o povo, na sua grande colera implacavel, os arraste pelos cabellos aos tribunaes.

A batota do recenseamento eleitoral

Só a chicote é que se podia escrever sobre os lombos d'essa pandilhagem desenfreada, que ahí campeia á solta, com ordem do governo, para cortar nos cadernos do recenseamento todos os eleitores independentes que ainda os ha, felizmente, e inscrever lá aos centos, os desgraçados operarios das fabricas dos amigalhaços do governo.

E' espantoso, por exemplo, o que se tem passado no 4.º bairro. Ha ali sujeitinho que tem reclamado por um cento de cidadãos *progressistas* que estavam fóra do recenseamento.

Ha trapeiras onde mora um só individuo, e que tem dado ao *manifesto* dez cidadãos eleitores!

Ha infamias de todo o calibre.

Os rafeiros assalariados, os patifes de marca, os vadios, os fura-vidas ambiciosos e que andam de nariz no ar a farejar monopolios, toda essa cafila de intrujões tira agora o ventre de miserias.

O **dinheiro do povo** corre a ródos dos cofres do thesouro para as algibeiras dos ciganos; o ouro scintilla, pervertendo tudo, entrando na casa do pobre e no palacete do rico. Tudo isso hade sahir do costado do povo; mas o governo dos batoteiros salva-se.

E' preciso, porém, protestar contra esta corrupção medonha, que ameaça subverter tudo.

E' preciso pôr còbro, **seja porque preço for**, á bacchanal d'esses farçantes que

imaginaram dominar o paiz pela audacia das suas torpezas, pelo cynismo revoltante dos seus crimes.

O que por ora, urge fazer, é correr aos guarda ventos das egrejas e lêr as listas dos eleitores, que foram affixadas no dia 25, e que até ao dia 1 de abril, isto é, no praso de seis dias, podem ser examinadas pelos interessados, a fim de verificarem se as suas reclamações foram attendidas.

E hão de encontrar maravilhas. Ha cidadãos recenseados em certas ruas com o n.º da sua porta em 280, quando a rua não tem mais de cem portas!

Ha eleitores recenseados, sem se lhe indicar a morada.

As tranquibernias, as falsificações e as irregularidades são de tal ordem, que é **impossivel no praso designado pela lei** attendar a todas as reclamações; e é com isso que contam os batoteiros para vencerem a batalha.

O governo sahirá d'esta lucta nojenta, ainda mais desacreditado do que se acha, se é possível que elle desça ainda mais; mas triumpharão com elle os syndicatos que o apoiam, os comilões que o rodeiam e lhe dão esse simulacro de força que illude sómente os imbecis.

Perante a opinião honrada do paiz, o governo está inteiramente perdido. Ninguem toma a serio esses truões da feira politica, que vendem a dignidade pelo classico prato de lentilhas, e compram a peso de oiro (roubado aos cofres publicos) as consciencias dos eleitores.

E' isto infelizmente o que toda a gente vê, o que o paiz sente, com uma indignação cada vez maior, que ameaça alagar n'uma onda de colera todos esses patifes altamente collocados.

E' verdade que as commissões do recenseamento opposicionistas, estão resolvidas a oppor a maior resistencia a todas as batotas eleitoraes, mas isso é apenas um palliativo, no meio da gangrena profunda e da isensatez dos miseraveis que nos governam.

E' natural que o Porto, se revolte contra eguaes proezas e que a esta hora os infames galopins do governo, tenham irritado profundamente os filhos d'aquella activa e heroica cidade.

E percorrendo todas as provincias, a indignação sobe, accumula-se, e constitue uma tempestade de tal vehemencia, que o ministerio progressista não poderá resistir-lhe.

E' isso o que nos consola, é isso o que esperamos de um povo que enxotou os Cabraes e outros tyrannetes.

Para honra do paiz, não se deve consentir mais nos conselhos da corôa esses **empresarios de chalets**, esses **testas de ferro** dos syndicatos e dos monopolios.

Abaixo esses trocatintas.

Vandalismo

Isto chegou onde podia.

Portugal está sendo positivamente um paiz conquistado. Cada um faz o que quer e sobeja-lhe tempo.

Cabe a vez agora á Nova Companhia do Gaz.

Ninguem é capaz de imaginar por onde quer a companhia fazer passar os canoç de gaz n'aquelle acanhado e apertadissimo espaço que lhe offerce o Terreiro do Paço. Vamos nós dizer-lh'o: *pelo meio dos alicerces do arco da rua Augusta!* que os cabouqueiros andam a romper á ponta de picareta!

Isto é espantoso.

As sapatas d'aquellas columnas que sustentam o arco estão-n'as rompendo para assentar os canos! E ninguem vê isto! E ninguem se importa com isto!

Pois não havia outro sitio senão rente das columnas para abrir tão enormes caboucos? Pois é preciso aquella verdadeira selvageria?

O alicerce é tão valente, que estão ali ha dois dias uns poucos de cabouqueiros para romperem um bocadinho.

E' uma barbaridade, nada menos.

Agradecemos á companhia não lhe dar na veneta deitar abaixo o proprio arco, porque estamos percebendo que ninguem se importaria com isso.

Intrujices

O governo inventou as seguintes intrujices para embarrilar o *Zé-pacovio* nas proximas eleições: Augmento nos direitos dos trigos e das fari-nhas.

A dotação do clero.

A caixa das pensões para todos os operarios do paiz. Se os pobres homens nunca virem outro beneficio senão o que sahir da tal caixa, pôdem dormir descansados.

A solução dada á questão das companhias vinícolas.

A modificação na lei do recrutamento.

A portaria-circular contra a emigração, para fazer a bocca doce aos proprietarios ruraes.

ERRATA

No numero anterior d'este jornal sahiram os seguintes erros, que agora corrigimos:

Na 1.ª columna, linha 11, onde se lê: feixes de luar, leia-se feixes de luz; linha 13, que o pobre paiz, leia-se: para o pobre paiz; linha 21, Mas sempre, leia-se: Nós sempre; linha 51, suprimem-se as palavras: da receita.

Na 1.ª columna da 2.ª pagina, 2.º §, onde se lê: **ou no centro da provincia**, supprima-se o **ou**; na 2.ª columna na segunda parte do artigo, O preço do pão, § 2.º: de as designar, supprima-se o **as**.

Na 1.ª columna da 3.ª pagina, § 3.º dominal-o-hia, leia-se: dominal-o-ha.

Na 4.ª pagina, 2.ª columna, linha 7, os mortos pelos seus parentes, leia-se: pelos mortos os seus parentes.